

Resenha do livro “O Espírito da Floresta” de Bruce Albert e Davi Kopenawa

Review of the book “The Spirit of the Forest” by Bruce Albert and Davi Kopenawa

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta: A luta pelo nosso futuro.** Tradução Rosa Freire D’Aguiar. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Bianca Luiza Freire de Castro França¹
Email: bianca.castro.franca@gmail.com

É possível que vocês tenham ouvido falar de nós. No entanto, não sabem quem somos realmente. Não é uma boa coisa. Vocês não conhecem nossa floresta e nossas casas. Não compreendem nossas palavras. Assim, era possível que acabássemos morrendo sem que vocês soubessem. – ALBERT, Bruce & KOPENAWA, Davi (2023, p. 54)

O livro *O Espírito da Floresta: A luta pelo nosso futuro*, título original *Yanomami, l’esprit de la forêt*, é o segundo livro publicado em coautoria entre o antropólogo franco-marroquino Bruce Albert e o xamã do povo Yanomami, Davi Kopenawa. Foi publicado em 24 de março de 2023 pela Companhia das Letras, com tradução de Rosa Freire D’Aguiar. A versão em francês foi publicada também em 2023 pela editora Actes Sud.

Bruce Albert, antropólogo francês, nascido no Marrocos em 1952, participou da Fundação da Comissão Pró-Yanomami em 1978, conduzindo junto com Davi Kopenawa, a fotógrafa e ativista brasileira Claudia Andujar e o missionário Carlo Zacquini uma campanha nacional e internacional para obtenção da homologação da Terra Indígena Yanomami, pelo Estado brasileiro, concedida somente em 1992. Albert viajou anualmente para o território Yanomami por mais de quarenta anos. Davi Kopenawa é o xamã do povo Yanomami, nascido por volta de 1956 na comunidade *Mõra mahi araopë* (região do rio Toototobi), no extremo norte do Amazonas. É

¹ Historiadora, Doutora em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/FGV); Mestre em preservação de acervos de C&T (PPACT/MAST), com especialização em Sociologia (UCAM) e especialização em Docência (IFMG/Arcos). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6965076686458954>

presidente fundador da Associação *Hutukura*, que representa a maioria do povo Yanomami no território brasileiro. Foi condecorado, entre muitos outros títulos, com a Ordem do Mérito do Ministério da Cultura, no ano de 2015; e é membro da Academia Brasileira de Ciências, desde 2021.

Há cinquenta anos, Kopenawa e Albert mantêm estreita colaboração que resultou no livro *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*, publicado pela primeira vez em 2010, na França, pela coleção *Terre Humaine*, e em 2015, no Brasil, pela Companhia das Letras, com tradução de Beatriz Perrone-Moisés e prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. *A Queda do Céu* é considerado um dos livros mais importantes do século XXI, trata-se da biografia do líder e ativista indígena, desde sua iniciação religiosa até alcançar o ápice como xamã Yanomami, e suas reflexões sobre o contato entre não-indígenas e o povo Yanomami na década de 1960. Nele, Kopenawa relata por meio de suas experiências pessoais a interferência de garimpeiros, estradeiros e missionários com a chegada de epidemias, violência e destruição, o desrespeito com sua cultura e a invasão e exploração do território Yanomami e seus recursos naturais.

Segundo França e Oliveira (2024), o livro *A Queda do Céu*, carrega consigo uma memória das tragédias que atingiram e atingem a Amazônia desde a década 1960, com os projetos de expansão nacional, fortalecidos à época da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), que causaram e causam devastação social e ambiental atingindo indígenas, mas também a sociedade de forma geral, como um alerta para a atual condição humana à luz de uma análise minuciosa de uma visão de mundo ocidental em contato com alteridades radicais.

Nesta nova parceria, *O Espírito da Floresta*, produzido entre 2021 e 2022, os autores reúnem textos escritos para várias exposições realizadas em Paris pela Fundação Cartier, conjuntamente com os habitantes de *Watoriki* (A Serra do Vento), que é a casa coletiva dos Yanomami. *Watoriki* fica no extremo nordeste do Amazonas, entre a bacia do rio Catrimani e a do rio Demini. Nessas exposições, os visitantes tiveram a oportunidade de apreciar obras criadas por uma diversidade de produtores culturais, incluindo fotógrafos como Claudia Andujar e Valdir Cruz, e artistas renomados como Adriana Varejão e Raymond Depardon. As imagens feitas por esses fotógrafos ilustram lindamente o livro.

Também estiveram presentes contribuições de pesquisadores destacados, como Hervé Chandès, Cédric Villani e Michel Cassé. Inclusive, o matemático Villani e o astrofísico Cassé aparecem no nono capítulo da coletânea, em diálogo com Albert por ocasião de um encontro com Kopenawa. Além disso, artistas Yanomami da casa coletiva *Watoriki*, como Taniki, Joseca e Morzaniel Iramari, enriqueceram as exposições com suas expressões culturais únicas. Joseca e Taniki ganham capítulos próprios, capítulos 6 e 7, falando sobre suas trajetórias e arte.

O novo livro trata-se de uma coletânea de 16 capítulos mais anexos, todos textos não-inéditos, com prefácio do filósofo Emanuele Coccia, que reúne uma vasta trama de reflexões e diálogos, a partir do saber xamânico dos Yanomami, e que evoca diversas perspectivas sobre os sons e imagens da floresta, a complexidade de sua biodiversidade e as terríveis implicações da destruição dessa mesma floresta, que é morada dos Yanomami e dos espíritos que guardam o mundo.

O território Yanomami abriga 29 mil pessoas, no Brasil, e reúne uma grande diversidade de fauna, flora e minério. Por causa de sua riqueza de recursos materiais, esse território segue sendo atacado e devastado pela invasão de garimpeiros ilegais e outros agentes que promovem a destruição da floresta e seus recursos hídricos, e submetem seus habitantes a todo tipo de violência e contaminações, seja por doenças ou pelo mercúrio utilizado no garimpo.

Os capítulos do livro intercalam textos de autoria de Bruce Albert e reflexões de Davi Kopenawa sobre ecologia, cosmologia Yanomami e sobre o “povo de mercadoria”, adjetivo usado por Kopenawa e inicialmente apresentado em *A Queda do Céu*, usado para explicar a civilização ocidental que valoriza o lucro capitalista em detrimento do valor humano.

Os capítulos deste livro têm origens diversas, com muitos textos sendo frutos de depoimentos traduzidos da língua Yanomami por Bruce Albert e outros criados para ocasiões específicas.

Os capítulos 1, 3, 4 e 14 são depoimentos gravados e traduzidos por Bruce Albert no ano de 2002, durante a preparação da exposição “*Yanomami. L’Esprit de la Forêt*”, realizada em Paris pela Fundação Cartier para a Arte Contemporânea. O capítulo 2 é uma nova versão de um texto originalmente publicado em português no catálogo da

exposição de Claudia Andujar, “*A Luta Yanomami*”. A exposição foi realizada em São Paulo no Instituto Moreira Salles (2018) e em Paris pela Fundação Cartier (2020).

O capítulo 5 é um depoimento gravado e traduzido por Bruce Albert para o calendário “*Rastros Yanomami. Yanomami Traces*”, editado por Claudia Andujar em 2000. Posteriormente, foi revisado por Davi Kopenawa para a exposição “*Nous les Arbres*”, realizada em Paris pela Fundação Cartier em 2019. O capítulo 13 também é um texto originalmente publicado no catálogo da exposição “*Nous les Arbres*”.

Os capítulos 6 e 7 são versões revisadas e ampliadas de textos apresentados originalmente na exposição “*Histoires de Voir*”, realizada em Paris pela Fundação Cartier em 2012.

O capítulo 8 é um depoimento gravado e traduzido do Yanomami por Bruce Albert, publicado no catálogo da conferência “*Brasil, 500 anos: Experiência e Destino – A Outra Margem do Ocidente*”, realizada em São Paulo em 1998, em parceria com a Funarte e o Instituto Cultural Itaú. O capítulo 9 é um texto originalmente publicado como “*Le Mathématicien et le Chaman, les Yeux Fermés*” no catálogo da exposição “*Mathématiques, un Dépaysement Soudain*”, realizada em Paris pela Fundação Cartier em 2021.

O capítulo 10 foi redigido a partir da tradução de uma gravação inédita de Davi Kopenawa, presente nos arquivos de Bruce Albert. O capítulo 11 foi publicado originalmente no catálogo da exposição “*Le Grand Orchestre des Animaux*”, realizada em Paris pela Fundação Cartier em 2016. O capítulo 12 é um depoimento gravado e traduzido do Yanomami por Bruce Albert, publicado inicialmente em “*Povos Indígenas no Brasil 1996-2000*” pelo Instituto Socioambiental, em 2000.

O capítulo 15 foi redigido em abril de 2020, a pedido da Fundação Cartier, por ocasião da apresentação da exposição “*Claudia Andujar. La Lutte Yanomami*” (curadoria de Thyago Nogueira), no início da pandemia de Covid-19. O texto foi publicado no jornal *Le Monde* (20 de abril de 2020), na *Folha de S. Paulo* (23 de abril de 2020) e, em uma versão diferente, no *New York Times* (27 de abril de 2020).

Por último, o capítulo 16 é um depoimento traduzido e editado a partir de uma mensagem sonora enviada a Bruce Albert, gravada por Marcos W. de Oliveira, do Instituto Socioambiental, e publicada em “*Povos Indígenas no Brasil 1996-2000*”.

Esse conjunto de textos reflete a complexidade e riqueza do diálogo entre culturas, documentando a sabedoria e as histórias Yanomami em diferentes contextos e formatos. Destaco a relevância do capítulo 14, que apresenta uma análise abrangente de cem anos de contato e das epidemias enfrentadas pelo povo Yanomami. Por meio dos depoimentos de L. Yanomami, sogro de Davi Kopenawa, sobre as doenças introduzidas pelos não-indígenas nos primeiros contatos no início do século XX, e das reflexões de Kopenawa sobre a pandemia de Covid-19, o capítulo evidencia uma linha de continuidade entre as ameaças do passado e os perigos atuais. Entre eles, destacam-se o garimpo ilegal e as mineradoras, que não apenas devastam as florestas e envenenam os rios, mas também funcionam como catalisadores de doenças, como a malária, que aflige gravemente as comunidades Yanomami. Para Kopenawa, o maior temor hoje é a destruição sistemática da terra e a vida que ela sustenta, por isso nos adverte:

Por isso, essa epidemia é apenas a vingança da floresta. São seus espíritos *xapiri pë* que se vingam porque falta muita sabedoria aos brancos. São essas as palavras que eu quero transmitir. Você pode desenhá-las e dá-las aos outros brancos dizendo: Foi isso que o meu amigo disse. Os brancos cavaram a terra e derrubaram as árvores da floresta, tiraram seu solo e despojo canibal do antepassado animal *Krukuri*, que estava enterrado com os minérios desde o primeiro tempo. É assim. Se os grandes homens dos brancos continuarem a maltratar desse jeito a terra e a floresta, no caminho desse “coronavírus” virão muitas outras doenças, ainda mais perigosas, que devorarão de novo uma grande quantidade deles. É o que dizem os espíritos dos nossos antigos xamãs.” (ALBERT, Bruce & KOPENAWA, Davi, 2023, p. 164)

Gostaria de exaltar também o texto “Os psicotrópicos Yanomami”, que é o anexo III, e que foi redigido a partir de “*Les Hallucinogènes yanomami*”, do doutor em estudos etnobotânicos William Milliken, publicado no catálogo da exposição Yanomami. “*L’Esprit de la Fôret*”, e também a partir do texto “*Urihi a: A terra-floresta Yanomami*”, de Bruce Albert e William Milliken. Este texto sobre os psicotrópicos utilizados pelos xamãs Yanomami como a *yãkoana a* e *paara a*, é bastante esclarecedor e ajuda a compreender os conhecimentos etnobotânicos envolvidos na cosmologia desse povo.

No livro *O Espírito da Floresta*, Bruce Albert atua como um mediador cultural, traduzindo conceitos do mundo Yanomami com respeito e sensibilidade. De forma didática, ele apresenta termos essenciais da cosmologia indígena, como *urihi* (terra-floresta), que inclui não apenas os humanos (*yanomami thë pë*), mas também os

animais (*yaro pë*), xamãs (*xapiri thë pë*) e brancos (*napë kraiwa pë*). A floresta, é descrita como uma entidade viva e sensível, que sente dores e sofre com a destruição causada pelo desmatamento, as queimadas e a mineração.

Albert nos ensina que a conexão do povo Yanomami com a terra-floresta não é meramente utilitária, como é para a sociedade envolvente, mas espiritual e vital. Xamãs como Kopenawa, em diálogo com *Omama*, que é o demiurgo yanomami, ouvem as queixas da floresta e evocam seres mitológicos para proteger sua comunidade. Essa visão desafia o paradigma ocidental de dominação sobre a natureza, alertando para as consequências devastadoras (e dramáticas) de tratá-la como um recurso a ser explorado.

Por fim, podemos concluir que Davi Kopenawa e Bruce Albert retomam, nesta nova obra, o pacto intelectual iniciado em *A Queda do Céu*, explorando a cosmovisão Yanomami, a interdependência entre humanos, não-humanos e espíritos, e os impactos da colonização. Eles alertam que ignorar os apelos da floresta cobrará um preço alto e irreversível, que já estamos pagando.

O lançamento de *O Espírito da Floresta* é particularmente simbólico, vindo à tona em meio à denúncia de genocídio contra os Yanomami e à recente mobilização do governo brasileiro para combater o garimpo ilegal em suas terras. Mesmo com o território demarcado há 32 anos, a luta pela sobrevivência permanece intensa.

Como Kopenawa advertiu: “Era possível que acabássemos morrendo sem que vocês soubessem.” O livro é um convite urgente para ouvir os Yanomami, e por que não todos os povos indígenas? E, acima de tudo, agir antes que seja tarde demais e o céu “caia” sobre nossas cabeças.

Referências

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta: A luta pelo nosso futuro**. Tradução Rosa Freire D’Aguiar. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro; OLIVEIRA, Renata César. “Os Conceitos de Natureza, A Queda do Céu e o Uso Social da Tecnologia Indígena”. In: FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro (Org.). **Novas Proposições para o Uso Social da Tecnologia Indígena e outras discussões: Homenagem ao Centenário de Berta Gleizer Riberio**. Chapadinha, MA: Editora Alfa Ciência, 2024.